

GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XV

FEVEREIRO, 1884

N. 8

Os estudantes de medicina e a Santa Casa da Misericórdia da Corte

Foi recentemente prohibida pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro a entrada dos estudantes da Faculdade de Medicina em seu hospital, durante o tempo de férias.

Os estudantes reclamaram pela imprensa, não descobrindo razão plausivel que justificasse aquella prohibição.

O Sr. Barão de Cotegipe, actual Provedor, em uma correspondencia que fez publicar na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, em 29 de Janeiro ultimo, procura explicar e justificar aquelle acto administrativo, baseando-o nas seguintes allegações, que resumimos.

Diz elle :

—Que por *accordo* da Faculdade com a Provedoria foram concedidas mais algumas enfermarias para o ensino clinico das cadeiras novamente creadas, *durante o anno lectivo*.

—Que em virtude d'esta ultima clausula recusou acceder ao pedido do Director da Faculdade, que requeria a continuação do ensino *durante as férias*.

—Que o regimento do hospital não dá aos seus facultativos clinicos o direito de admittirem alumnos e fazerem prelecções, a não ser na epoca das aulas, quando elles sejam ao mesmo tempo lentes da Faculdade.

—Que não podem ter entrada franca e diaria no hospital pessoas extranhas aos respectivos serviços, e que extranhos são os estudantes não empregados ali como pensionistas ou internos.

—Que, segundo um escriptor, que não é nomeado, uma sala

de aulas de clinica será um doloroso transe, porque é o escandalo da desgraça, uma *tyrannia necessaria*, e basta que esta se exerça nos longos mezes do anno lectivo.

—Que para o medico que *experimenta* para explicar aos discipulos as causas e os effeitos das molestias, e applicar-lhes os remedios adequados, um enfermo é um *caso*, e para a Misericordia um *irmão* a quem se deve poupar, quanto possivel, todo soffrimento physico e moral.

—Que o fim do hospital da Santa Casa é receber e tratar os doentes pobres, e nada tem com o ensino.

São estas as principaes razões que levaram o Sr. Barão de Coteigipe a sustentar a recusa da entrada no hospital aos estudantes de medicina fóra da epoca das aulas.

As palavras e phrazes griphadas são aqui fielmente copiadas como se acham no escripto a que nos referimos.

Conclue o Sr. Provedor, depois de citar os Estatutos antigos e modernos das Faculdades: 1º que o Governo tem o dever de criar enfermarias para o ensino; 2º que enquanto não as cria, a Santa Casa por accordo com o Director porá á sua disposição as que forem necessarias. Accordo, intelligencia previa, diz elle, exclue obrigação perfeita.

O que inferimos d'estas citações é, que a Santa Casa permittiu até certo tempo que os alumnos de medicina frequentassem o seu hospital durante as ferias; mas que agora não consente que elles, como pessoas extranhas que são ao serviço do dito hospital, entrem nas suas enfermarias, nem mesmo com o fim de se instruirem testemunhando a pratica diaria dos facultativos clinicos, sejam estes ou não professores da Faculdade; e que a mesma Santa Casa não tem obrigação nenhuma de prestar as suas enfermarias para servirem ao ensino, com o qual nada tem que ver.

No terreno do direito parece que são estas as principaes bases da argumentação do Sr. Provedor; e se por ventura ellas podem admittir contestação n'esse terreno, não somos nós os competentes para lh'a oppor; admittamos, porém, que ellas

sejam razoaveis e justas, que o fim do hospital seja unicamente receber e tratar os enfermos pobres, e não o de os submeter ás exigencias do ensino pratico da medicina, que é o fim da Faculdade, obrigando-os aos incommodos inherentes a essas exigencias.

Mas observaremos aqui, que justamente no ponto onde o Sr. Barão de Cotegipe diz que o fim do hospital nada tem com o ensino, accrescenta: — «mas admittindo á pratica de suas enfermarias avultado numero de alumnos, attende (o hospital) aos interesses do ensino, e ao seu proprio».

Conclue-se d'esta declaração, que do accordo da Santa Casa com a Faculdade resultam interesses mutuos, os do ensino de grande numero de alumnos por um lado, e os da Santa Casa, que não vem especificados, nem importa para o caso vertente saber quaes sejam, pelo outro. Tem ella, portanto, alguma cousa com o ensino, visto que attendendo a elle attende aos seus proprios interesses. Lucra, por consequencia, com essa *tyrannia necessaria* e esse *escandalo da desgraça*, como ao alludido escriptor desconhecido approuve qualificar uma sala de aulas de clinica, e isto durante os longos mezes do anno lectivo; e em favor do ensino e dos seus proprios interesses, não duvida consentir que os lentes de clinica da Faculdade commettam o *gravissimo* delicto de converterem um *irmão* em um *caso*!

O certo é que a Santa Casa, não por obrigação, mas por um accordo de que se derivam reciprocas vantagens, permite a entrada de grande numero de estudantes nas suas enfermarias durante a epoca das aulas; mas não permite, pela sua novissima resolução, egual favor a nenhum d'elles que não pertença ao pessoal do serviço sanitario, durante o tempo das ferias.

Mas porque? As razões são as que já expozemos, das quaes, todavia, a Santa Casa prescinde, por um accordo, durante oito mezes, e as faz valer em todo o seu rigor durante quatro.

Como ficou dito, não discutiremos o inculcado direito de ella recusar accesso ao ensino pratico official nas suas enfermarias; mas se faculta a instrucção de grande numero

de alumnos por oito longos mezes, porque a recusa aos poucos que a procuram durante as ferias, acompanhando nas suas visitas os facultativos clinicos do hospital?

Recusar a instrucção scientifica aos que seriamente a procuram no unico lugar onde contam encontral-a em suas mais amplas applicações praticas, não é, certamente, servir ao progresso e ás necessidades profissionaes da nossa epoca, em que só á cabeceira do doente se pode educar o espirito do medico, de quem a sociedade, o Estado, e a propria Santa Casa exigem cada dia maior numero de habilitações, e mais extensos e profundos conhecimentos.

É, infelizmente, no Brazil que se dá, talvez, o primeiro exemplo de se fecharem as portas de um vasto hospital aos que ali vão, não já por força da disciplina escolar, nem por mera curiosidade, mas por espontaneo desejo de se instruírem, e de se illustrarem com o exemplo e com a pratica dos clinicos das suas enfermarias durante as ferias.

Em todos os mais notaveis hospitaes do mundo civilisado é permittida a frequencia, mediante certas condições, a facultativos extranhos ao seu serviço, e a alumnos de medicina que queiram acompanhar as visitas diarias aos enfermos.

Mas na capital do Imperio, o alumno estudioso que queira empregar utilmente os ocios que lhe concede a lei, no estudo pratico da profissão a que aspira, é repellido como extranho, e nocivo á regularidade administrativa do hospital, e perturbador da tranquillidade dos enfermos!

A Provedoria da Santa Casa do Rio de Janeiro parece não comprehender, que para o medico, todo o enfermo que solicite os seus cuidados é ao mesmo tempo um *caso* a estudar, e um *irmão* a socorrer; praticamente não existe a distincção que ella quiz fazer; a sciencia e a caridade vão aqui de mãos dadas, e encaminham-se ambas a um objectivo commum—soecorrer a humanidade que soffre.

Todo o medico pesquisa, observa e *experimenta* para explicar, quer a si proprio, quer aos que com elle apprendem

as causas e os effeitos das molestias, e applicar-lhes os remedios adequados. Sem esta pesquisa, observação, e experiencia do caso, o que seria do *irmão*?

A Santa Casa quer para si medicos experientes, mas não quer que elles experimentem; nem quer que os tenham tambem experientes o Estado, que a favorece largamente com privilegios e isenções de grande valor, nem tão pouco a sociedade em geral, de onde ella derivou e deriva ainda os recursos que reparte com os pobres!

Quer a limitação do estudo dentro do prazo do anno lectivo, por um accordo em que ella confessa ter interesse; mas como lhe é indifferente que se applicuem ou não ao estudo os alumnos em outro qualquer tempo, fecha as suas portas justamente aos mais dedicados á arte que pretendem exercer; e negando-lhes a caridade da instrucção, nega-lhes indirectamente os meios de exercerem conscienciosamente a caridade profissional com os seus irmãos enfermos.

Não é possivel, pelo credito d'este paiz, e em nome dos sentimentos humanitarios de tão pia e nobre instituição, que prevaleça por muito tempo a medida iniqua, arbitraria e absoluta, sustentada pelo Sr. Barão de Cotegipe, que nega á mocidade estudiosa da Córte um direito sagrado, — o direito de apprender; o contrario, seria quasi decretar a ignorancia do medico, a mais perigosa de todas as ignorancias.

A Santa Casa e todas as administrações de hospitaes teem nas suas mãos os meios de conciliar os interesses da instrucção pratica em suas enfermarias, com o respeito que se deve á desgraça dos que precisam de conforto para o espirito, allivio para as dores do corpo, e remedio que lhes possa restituir a saúde perdida.

Entre a admissão franca e indiscriminada de quaesquer estudantes nas enfermarias durante as ferias, e a prohibição absoluta defendida pelo Sr. Barão de Cotegipe, ha um razoavel meio termo, — a permissão limitada e concedida individualmente, e só aos que teem o dever de frequentar as clinicas

officiaes, e o louvavel empenho de se instruirem nas clinicas officiosas fóra do anno lectivo.

Esse empenho deve ser acorçoado e não reprimido, attendendo a que a instrucção profissional é tambem um instrumento da caridade, como a propria Santa Casa reconhece escolhendo os facultativos que julga mais habéis para a auxiliarem no exercicio da mais sublime de todas as virtudes christãs.

Faculte por authorisação expressa a entrada nas suas enfermarias á hora das visitas, com audiencia dos respectivos medicos ou sem ella, aos alumnos que a solicitarem, e que por suas qualidades e amor ao estudo lhe mereçam essa concessão.

Não negue a luz a quem a procura. Limite e regule, mas não véde em absoluto a entrada no seu hospital a esses futuros apostolos da sciencia e da caridade, alguns dos quaes lhe poderão retribuir em bons serviços no futuro a permissão de se instruirem na arte de soccórre os seus infelizes enfermos, e todos os mais nossos irmãos de todas as classes, a quem a dor torna eguaes aos olhos do medico instruido e humanitario.

BIBLIOGRAPHIA

A MORPHÊA NO BRAZIL, ESPECIALMENTE NA PROVINCIA DE S. PAULO ; PELO DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES, RIO DE JANEIRO.

(Continuação da pag. 237)

Origem parasitaria.—A resenha historica do Dr. José Lourenço em relação á procedencia parasitaria da elephantiase remonta ao tempo em que a microscopia não era ainda nascida; e os parasitas que os auctores antigos, e alguns modernos pareceram tornar responsaveis pelo processo morbido eram os que ella nos habituou a considerar depois como seres relativamente gigantescoes, taes como o piolho, os gordios, e uma especie de acaro encontrados nos elephantiacos. Mas na

epoca presente, que os futuros historiadores terão, talvez, de chamar a dos microbios, era natural que o mal de S. Lazaro não escapasse á revista geral porque estão passando grande numero de molestias diathesicas, constitucionaes ou infectuosas, com o fim de saber-se a que especie de mysteriosos micro-organismos são devidas as devastações que ellas causam. Por este processo de investigação passaram, ou estão passando a tísica, a syphilis, o carbunculo, a diphtheria, o typho, a febre typhodéa, a febre amarella, o beriberi, a cholera morbus, a elephancia, a hemato-chyluria, etc. A elephantiase teve tambem a sua vez, e o seu parasita como as outras mencionadas affecções, senão como causa unica, pelo menos como um dos factores principaes do processo pathologico.

E' uma bacterie particular que se encontra em maior abundancia nos tuberculos do que em outras regiões isentas d'elles, mas que infesta igualmente, e mesmo em seu estado normal, o figado, o testiculo, o tecido fibroso, etc.

Isto pelo que respeita aos auctores estrangeiros.

Quanto aos nossos compatriotas, o Dr. José Lourenço declara que das publicações que tinha presentes, e das communicações que das provincias lhe foram enviadas, nenhuma faz menção de parasitas. Mas no capitulo consagrado ás suas reflexões insere a summa de um trabalho que lhe communicou o Dr. Moncorvo de Figueiredo, do Rio de Janeiro, o qual examinara o sangue de tres elephantiacos, dos quaes dous soffriam a molestia de forma tuberculosa e um de forma anesthesica.

O Dr. Moncorvo, que foi o primeiro em nosso paiz a encetar, ou pelo menos, a dar curso de publicidade a trabalhos d'esta natureza em relação á elephantiase chegou a resultados analogos aos dos medicos europeus que o precederam (Hillairet, Gaucher e outros) verificando no sangue dos tres elephantiacos a existencia de parasitas semelhantes aos encontrados por aquelles observadores, isto é, granulações dotadas de movimentos rotatorios e de progressão, bacillos regulares e irregulares, moveis e immoveis, monadas, etc.

- A respeito d'estes achados confirmativos dos que acima referimos, pensa o Dr. José Lourenço que elles não esclarecem a etiologia da elephantíase. « Com effeito, diz elle, não se pode ainda definir o papel dos parasitas encontrados, e nem se sabe em que qualidade alli estão, se de causa das modificações leprosas, se de effeito das profundas alterações do processo nutritivo ».

O auctor declara, finalmente, que, sem abandonar este elemento etiologico, não se inclina a admittir a origem parasitaria da molestia.

E' prudente e justa a reserva que o auctor adopta nas precedentes reflexões.

Na caça encarniçada que por toda a parte se está fazendo aos microbios de toda a casta, e que aliás revela um louvavel empenho de adiantar os nossos conhecimentos, tem havido da parte de alguns exploradores das causas parasitarias das molestias uma certa precipitação em denunciar esses minusculos organismos como unicos responsaveis, ou fautores de todos os damnos a que elles se acham ou acharam presentes em qualquer periodo da evolução d'ellas.

Ha n'estes estudos uma séde de descobrimentos, um tal açodamento em chegar a conclusões subversivas das idéas até agora acceitas em pathogenia, que prejudicam seriamente o rigor do methodo scientifico da nossa epoca, e dão em resultado elevar-se o duvidoso e o provisorio á categoria do incontestavel e definitivo.

Como diz muito judiciosamente o Dr. José Lourenço, o que fazem as bacteries da elephantíase? são agentes da destruição especifica dos elementos histologicos do organimo, ou vão por myriadas assistir á ruina d'elles e aproveitar-se dos destroços que o processo morbido occasionou?

Em que differem as bacteries e mais micro-organismos encontrados nos humores ou nos tecidos dos elephantiacos dos seus congeneres associados a outras e muito diversas molestias para que se tenha o direito de affirmar que elles são a causa da

elephantiase? E' o que não está ainda averiguado, a nosso ver, nem para esta nem para outras molestias attribuidas a microbios.

Como quer que seja, o que não admite duvida é que em resultado de toda esta faina em procurar para cada molestia diathetica ou infectuosa um microbio responsavel, sem se nos dizer precisamente em que elles differem uns dos outros, ou se o mesmo não existe em molestias diversas, e até em individuos apparentemente sãos, estamos assistindo á confecção de uma sciencia em grande parte provisoria, e apprendendo não pouco do que mais tarde nos será preciso desaprender.

E o maior mal não é este; é que por conta d'esta sciencia provisoria, com relação a algumas doenças, vae-se já adoptando uma therapeutica e uma hygiene definitivas para matar o microbio respectivo, sem grande consideração pelo doente que lhe dá hospedagem nos recessos do seu organismo.

Em terreno tão pouco seguro ainda, manda a prudencia que se ande devagar, e se não levantem construcções perigosas que seja preciso demolir mais tarde.

Regimen alimentar.—Desde os tempos mais remotos até o presente a alimentação tem sido accusada de produzir a elephantiase, lançando-se ora a uma ora a outra das substancias que a compoem a responsabilidade do facto, e a explicação da frequencia da molestia.

Mas neste ponto, como em todos os mais attinentes á etiologia as opiniões variam e contradizem-se a ponto de quasi nada se apurar de positivo de quantas citações e pareceres accumulou o Dr. José Lourenço para esclarecer a questão.

Uns auctores accusam certos alimentos de causar a molestia pelo seu uso continuado, ou exclusivo, ou em mau estado de conservação; outros negam absolutamente que de quaesquer alimentos, bons ou maus, sejam de que natureza forem, possa originar-se a elephantiase; outros, finalmente, menos exclusivos, entendem que alguns d'elles em certas circumstancias e condições climatologicas a possam produzir. É um verdadeiro

labyrintho de opiniões que deixam o leitor perplexo quando não disposto a não acceitar nenhuma.

O auctor colleccionou com particular cuidado essas opiniões no louvavel intuito de saber, se no caso de predominarem as que accusam certos regimens alimentares de gerar a molestia poderão ser applicaveis as mesmas imputações aos nossos habitos alimentares nas localidades onde ella reina endemica-mente, e utilizadas nas reformas e modificações de que carecem esses habitos.

Entre os alimentos a que se tem attribuido a elephantiasé figuram a carne de porco, o peixe, as carnes salgadas, as gorduras, as aves aquaticas, o milho, o arroz, o abuso dos alcoolicos, etc. e no Brasil particularmente accrescentam-se ainda o pinhão, o amendoim, o mel de certas especies d'abelhas, alguns crustaceos, os fructos de algumas palmeiras, a manga, etc.

Dos auctores estrangeiros citados pelo Dr. José Lourenço, uns affirmam que a carne de porco e o peixe podem produzir a elephantiasé, outros que a produzem effectivamente, e outros duvidam, e até contestam que taes alimentos influam na etiologia da molestia mesmo usados de um modo exclusivo, baseando se no facto de terem sido accommetidas por ella pessoas que usavam de alimentação variada, em que o porco e o peixe não entravam senão raras vezes. Além d'isto a elephantiasé é hoje rarissima em alguns paizes onde aquelles alimentos foram e são de uso quotidiano, bem que não exclusivo.

As substancias gordurosas, o azeite, os feculentos e os alcoolicos, tambem accusados de gerar a elephantiasé por alguns auctores citados, são passíveis de analogas objecções.

Entre os auctores nossos compatriotas figura em primeira linha o Dr. Paula Candido, que admittia a maxima influencia dos alimentos na etiologia da elephastiasé. D'este notavel facultativo, que foi professor de chimica da Faculdade do Rio de Janeiro, vem citadas extensas passagens de uma Memoria appresentada á Academia de Medicina em 1845.

De produzirem a molestia são ahi accusados os pinhões (fructo da *Araucaria brasiliensis*) reduzidos a farinha pela torrefacção, a sapucaia e o mendubim ou amendoim; e como auxiliares d'estes, ou capazes de accelerar o progresso da elephantiasse, vem mencionados o café, a cerveja, o vinho, licorres, os oleosos, as fructas resinosas, etc.

Para este auctor a carne de porco é incapaz, por si só, de dar origem á doença, a não ser que provenha de animal que se tenha nutrido com o pinhão, como succede em Minas e em S. Paulo.

O Dr. Paula Candido, inspirado provavelmente nas idéas de Liebig, seu contemporaneo, procura explicar por meio de uma theoria chimica um tanto emmaranhada, em que entra, por muito a phantasia á mingua de dados experimentaes, o modo por que aquelles alimentos incriminados causam a molestia nos habitantes d'aquellas provincias, e como os seus congenes igualmente oleosos a não produzem nos climas frios. E' certo que a leitura da exposição da theoria do Dr. Paula Candido, nem sempre clara nem coherente, deixa nos pouco edificados sobre o *modus operandi* do pinhão, do amendoim e da sapucaia na producção da elephantiasse n'aquellas duas provincias, e sobre as razões por que as nozes, amendoas, pinhões, e castanhas a não causam nos climas frios.

Os demais facultativos brasileiros de diversas provincias, que enviaram informações ao Dr. José Lourenço pronunciavam-se, alguns d'elles de um modo vago sobre a materia, outros pela negativa, e outros accusam certos alimentos que não existem n'outros paizes onde a molestia reina endemica.

Dos primeiros quasi que não val a pena mencionar as opiniões, ora hesitantes, ora baseadas em meras conjecturas.

Entre os que negam a influencia da alimentação na génese da elephantiasse nenhum é tão explicito e terminante no seu modo de pensar com o venerando medico paraense, Dr. Silva Castro. «Sustento, diz elle, que o genero ou a qualidade da

alimentação em nada influe para a producção da elephantíase dos gregos ». Depois de mencionar diversos alimentos accusados geralmente de a produzirem, taes como a carne de porco, o milho, certos peixes, etc. termina com esta synthese da sua opinião: « Não creio em nada d'isto ».

Já dissemos em outro lugar que o Dr. Silva Castro attribue a molestia—á syphilis despresada ou mal curada, á hereditariedade d'ella, e á amamentação por amas mercenarias mal inspeccionadas. E em additamento ao que dissemos, em geral, a respeito da etiologia syphilitica, apenas accrescentaremos n'este lugar, que as circumstancias causaes mencionadas por este eminente facultativo são de occorrença tão commum em toda a parte, mesmo onde a elephantíase desapareceu, ou não consta que existisse, que é muito para admirar não ser essa molestia muitissimo mais frequente, e em particular nas cidades densamente povoadas onde a syphilis é largamente propagada, e produz os mais horriveis estragos. Além d'isso, diz-nos a historia, em muitos paizes a elephantíase precedeu a syphilis na ordem chronologica, e sempre foram e são consideradas molestias distinctas.

Vemos que outros medicos attribuem por sua conta, ou segundo a tradição popular influencia etiologica ao mel de certas abelhas indigenas, como a *arapué*, a *ichú*, a *jatahy grande*, etc., e a alguns peixes, como o *piracarú*, *pirahyba* e outros, e ao fructo de algumas palmeiras, como a *assahy*, *bacaba*, etc. alimentos que não existem, nem são conhecidos em paizes onde se observa molestia endemica.

Além de variados e discordes, vemos que não poucos dos numerosos pareceres que obteve o Dr. José Lourenço de diversas localidades do Brazil são manifestamente oppostos entre si, negando uns exactamente o que outros affirmam.

Não admira que em materia de tanta obscuridade vagueie o espirito humano á procura de uma verdade que lhe escapa,

e na falta d'ella se compraza em abraçar as conjecturas que lhe revestem as apparencias, collocando-as no seu lugar.

Seguem-se as reflexões do Dr. José Lourenço sobre a influencia da alimentação na pathogenia da elephantíase. E como ellas, sobreimportantes são assaz extensas, carecemos de mais espaço e tempo para o acompanhar no seu discorrer.

(*Continúa*)

MEDICINA

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS MEDICOS DAS COLONIAS EM AMSTERDAM

DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE, O PROFESSOR STOKVIS ⁽¹⁾

(*Continuação*)

Foi esse século (o XVI) que nos deu Jacobus Bontius, e que nos deu Guilielmus Piso. Ensaiemos, como um fraco tributo da nossa admiração e do nosso reconhecimento, esboçar a rapidos traços as suas biographias, as suas obras e procuremos designar-lhes o lugar, que lhes pertence de direito na historia da sciencia medica colonial.

O mais velho dos dois é Jacobus Bontius. É sem contradicção o mais notavel. É um homem d'antes quebrar que torcer, que vae direito ao fim que se propoz, familiarisado com os classicos, observador infatigavel e profundo, de espirito claro e elevado dotado de um zelo que não lhe deixa um momento de repouso, e dirigido em todas as acções por essa bella divisa «Noblesse oblige». Seu pae, que não pudera guiar-lhe os primeiros passos, porque morreu em 1599—quando Bontius tinha apenas nove

(1) Por ter sabido truncada no ultimo numero d'esta Gazeta uma parte d'este discurso continúa hoje sua publicação da pag. 239, periodo que termina «não perderá jamais». Até este ponto é exacta a publicação do numero anterior.

annos—é o primeiro professor official de medicina pratica, anatomia e botanica na recente universidade de Leyde. Seu irmão mais velho, Reinier, é chamado na idade de vinte e tres annos a substituir o seu defuncto pae, e gosa de uma tal reputação de pratico habil e feliz que o principe Mauricio de Nassau o convida para ser seu medico ordinario.

Um outro irmão do nosso Bontius, Joannes, mais velho que elle, torna-se um dos medicos mais afamados em Rotterdam, em quanto que o seu terceiro irmão, a quem elle mais quer, Guilherme, occupa durante algum tempo a cadeira de direito na universidade de Leyde, para ser mais tarde um dos magistrados mais honrados d'esta cidade. É, pois uma familia privilegiada a do nosso Bontius. Elle mesmo é estudante de medicina aos doze annos (1604), e depois é inscripto novamente na lista dos estudantes, quando já é doutor em medicina (1623). Nada certo nos é conhecido, nem sobre os seus estudos, os seus professores, nem sobre a questão de se determinar se foi promovido em Leyde, ou n'outra parte. Sabemos só que em 1623 estava na Hollanda, e durante a epidemia de peste que assolou a sua cara cidade natal e toda a Hollanda, nos annos 1624 e 1625, e não deixava de tratar os enfermos.

Entretanto á sua ambição não lhe deixa repouso. Mira mais alto do que a essa posição nobre, mas modesta de pratico, sente em si forças que o habilitam a ser ainda mais util á sciencia e á humanidade, quer lançar-se na carreira scientifica e não vendo na metropole se não um futuro esteril, por causa da accumulção de charlatães, aceita com prazer a nomeação de archiatro das Indias orientaes, isto é de medico, pharmaceutico e inspector dos cirurgiões nas Indias. Esta função, desconhecida antes d'elle, foi-lhe confiada, em virtude da intervenção de seu irmão Guilherme, pelo conselho dos dezesete da Companhia das Indias orientaes.

Prepara-se durante seis ou sete mezes para a sua tarefa difficil, e emprehe a viagem ás Indias na armada de João

Pieterseon Koen, o fundador de Batavia. Chega as Indias em setembro de 1627. Desde o momento da chegada até á sua ultima hora está inteiramente entregue á sua obra.

As desgraças e as doenças perseguem-no. Sua primeira esposa morre na viagem para a India, perto do Cabo da Boa Esperança, sua segunda esposa morre de dysenteria, em Batavia; seus filhos são-lhe arrebatados pelas bexigas e a dysenteria; elle mesmo soffre durante quatro mezes de beriberi, e é atacado, como os outros membros da familia, pela dysenteria, e é alvo de recriminações injustas. Nada o abala. «*Saevis tranquillus in undis*», eis a sua divisa, em quanto prosegue a sua tarefa com zelo e dedicação admiraveis.

Bontius trata os seus doentes, regista os casos raros, faz autopsias numerosas, dá conselhos de hygiene publica aos homens do poder, faz uma collecção da flora e da fauna indianas, viaja pelas ilhas vizinhas, Timor, Amboina, e, ganhando a sympathia dos homens do poder, desempenha funcções publicas, é nomeado bailio de Batavia e fiscal das Indias. Cria uma bibliotheca de todas as obras que se referem ás colonias, e durante a noite arranja as suas collecções, põe em ordem os seus manuscriptos, e confia ao papel n'um latim claro e classico a sua experiencia e as suas observações, e já dois annos depois da sua chegada ás Indias termina o seu trabalho classico: «*Methodus medendi in India*», que dedica á nobre companhia das Indias orientaes. Não se apressa em publical-o, está persuadido que prevenir as doenças vale mais do que cural-as; quer ensinar aos seus compatriotas que se estabeleceram em Java, o que teem de observar a proposito do clima, da alimentação, do exercicio, etc., para conservarem a saude, quer advertir os doentes e os convalescentes do que hão de evitar, para não serem arrebatados pelas doenças, e a 16 de Janeiro de 1631 acaba a sua obra, cuja fórma lembra as de Garcia da Orta e de Prosper Alpini, porque consiste em colloquios entre o auctor e seu amigo Andréas Dureus, mas cujo

fundo é inteiramente novo. Todavia Bontius não ficou n'isto. O medico não matou n'elle o naturalista. Não esqueceu que seu pae foi professor de botanica, sabe o que deve a essa caridade natal, cujo jardim augmenta de dia para dia em importancia, e ao qual estão ligados os botanicos mais illustres, Dononaens, Clusius, Pavios. Sempre se applicou com predilecção ás sciencias naturaes, não pôde estar em paz consigo mesmo, sem ter dado uma descripção minuciosa de todas as riquezas vegetaes, de que transbordam as Indias orientaes. Esperando o acabamento da sua grande obra sobre a historia natural das Indias, que tenciona illustrar com desenhos exactos do pintor Miten, envia a seu irmão Guilherme, juntamente com as obras medicas e hygienicas, as suas annotações sobre a obra de Garcia da Orta, como para entrar em materia.

Bontius põe todo o seu trabalho intellectual á disposição de seu irmão. Como homem que sabe o que faz, que se glorifica com razão de ter visto com seus proprios olhos tudo o que descreve, que tem em horror o ouviu-dizer, julga firmemente que as suas obras são dignas de serem publicadas. Mas se seu irmão julgar de modo diverso, se achar o estylo pouco polido, pede-lhe que queira guardar a sua obra litteraria como uma prova da sua affeição fraternal sem limites. Não foi dado a Bontius ver a obra impressa, não lhe foi dado attingir o ideal dos seus sonhos, rever a patria, e occupar uma cadeira n'essa universidade, onde seus paes e seus irmãos tinham tido assento. No meio da sua carreira que se tornava de dia para dia mais brilhante, e que lhe predizia um futuro em harmonia com as suas faculdades, morre em Batavia, na idade de 39 annos, quatro annos apenas depois da sua chegada ás Indias, e alguns mezes depois da remessa das suas premicias scientificas. Não se pôde dizer, porque é que essas premicias saíram á luz só passados onze annos da sua morte, e porque é que as suas obras ineditas só foram publicadas quasi trinta annos depois. Mas o que salta aos olhos, lendo a sua

biographia, é que a sua vida foi das mais bem preenchidas, é que desenvolveu, durante a sua estada de quatro annos nas Indias orientaes, uma assiduidade, um zêlo incomparaveis, faculdades escepçionaes.

Realmente se o nome de Bontius chegou á posteridade, foi em virtude d'essa estada e d'esses dons extraordinarios de espirito de que era dotado, e que lhe permittiram crear obras modelos sobre a medicina e a hygiene dos tropicos. Sim! obras modelos. Considerae o tempo em que o auctor escreveu, lembrae-vos de que as sciencias exactas n'esse periodo não eram ainda dignas d'esse nome, que a ignorancia, que o dogma, que a escolastica reinavam ainda na medicina, que Harvey acabava exatadamente de descobrir a circulação do sangue, que Morgagni ainda não tinha creado a anatomia pathologica, e lêde com attenção no seu *«methodus medendi in India»*, os capitulos sobre o beriberi, sobre o cholera, sobre a dysenteria, sobre os tenesmos, sobre o tratamento dos abcessos do figado, do empyema, etc., e admirareis a exactidão das suas descripções e a altura das suas vistas. Ajuntae a tudo isto as numerosas autopsias que faz, e de que dá noticia succinta e perfeitamente clara no seu pequeno ensaio sobre as causas das doenças epidemicas, febre, etc., que reinam em Batavia, e principalmente a alta estima que professa pela hygiene, como prova em cada pagina do seu pequeno livro, *«sobre a conservação da saude nas Indias»*, e não hesitareis em juntar-vos sem restricção alguma ao nosso compatriota o dr. Swaving, quando chama a Jacobus Bontius um medico eminente, que, esperando do estudo das sciencias naturaes o maior exito para a medicina e a hygiene, mostrou-se por isso mesmo um homem de um espirito superior e muito além do seculo em que viveu.

E que dizer dos serviços prestados por Bontius ás sciencias naturaes, ao conhecimento d'essa flora e d'essa fauna orientaes? Devemos convir que nunca poderiam ser apreciadas no seu justo valor, porque, exceptuando as suas annotações ao livro

de Garcia, não houve conhecimento d'elles senão muito tempo depois da sua morte, e a mão piedosa, que conservou as suas contribuições numerosas para a posteridade, não teve a coragem de as desembaraçar das contradicções e repetições.

Concordemos que, taes como nos chegaram, conservam a impressão d'esse seculo, que se prestava tão facilmente á superstição e ao mysticismo, desde o momento que se tratava dos productos do ultramar, e talvez ainda mais a impressão do desejo que tinha o seu auctor de ser agradavel á nobre companhia das Indias orientaes, sociedade commercial antes que tudo, que desejava ardentemente mais que tudo ouvir gabar os productos coloniaes, com que carregava a sua frota sempre crescente. Mas, fazendo abstracção d'esses lados desvantajosos, declaremos-o bem alto, que tudo o que fez pela historia natural dos paizes intertropicaes constitue um novo titulo para a admiração e apreciação da posteridade reconhecida.

É, pois, principalmente como medico das colonias, como o primeiro auctor sobre a pathologia e a hygiene dos tropicos, que elle tem direito ás nossas homenagens as mais sinceras. É por causa dos seus meritos excepcionaes, que as suas obras foram publicadas mais de uma vez, em Leyde, em Amsterdam, em Paris, em Londres, em latim, em hollandez, em inglez, e que, no fim do seculo XVIII, o auctor de uma descripção medica de Batavia, que foi traduzida em allemão, não podia fazer melhor do que reproduzir textualmente diversos capitulos do trabalho classico de Bontius.

Ao lado de Bontius nomeio Gulielmus Piso, homem de outra tempera, mas que não faz menos honra a nossa patria. Nascido em Leyde, filho de um musico allemão, que tinha vindo estabelecer-se n'esta cidade, pertencendo provavelmente a essa familia franceza le Pois, de que foram membros Charles e Nicolas le Pois, celebidades medicas dos seculos xvi e xvii, matriculou-se como estudante de medicina em Leyde, como Bontius, na idade de 12 annos, e segue os cursos de Heurnius e de Screvelius, depois vae para França, e especialmente Caen.

(Normandia), onde foi formado doutor em medicina aos 22 annos de idade. Dos 26 para os 27 annos foi chamado pela companhia das Indias Occidentaes para se juntar ao conde João Mauricio de Nassau, no Brazil, como medico ordinario. Este general intrepido, este grande homem politico, este amigo das sciencias e das artes, nomeado governador do Brazil, tinha ido para lá acompanhado por um medico, Willem Milaenen, que falleceu pouco tempo depois da chegada. Era Piso que o ia substituir. A distincção era muito elevada porque elle ia ter com João Mauricio, não só na qualidade de medico ordinario, mas ainda como archiatro, isto é, como chefe do serviço medico nas Indias occidentaes.

N'este tempo, na joven republica, não se faziam as coisas em meio. Piso desejava ardentemente que a missão medica, que lhe iam confiar, pudesse tambem aproveitar ás sciencias naturaes, e, por intervenção dos srs. Conradi Burg e João de Laet, foi acceita a sua proposição de organisar uma expedição scientifica ao Brazil. Organizando essa expedição scientifica, a primeiraprehendida por um paiz europeu, Piso teve a felicidade, não só de contratar um pintor habil, mas tambem reunir a si dois homens da sciencia, ambos candidatos em medicina e estudantes em Leyde. Um era Jorge Marckgraf, astronomico consumado, mathematico distincto, geographo excellente, versado na botanica e na zoologia; o outro, Henrique Cralitz, cujos estudos faziam tambem esperar um brilhante futuro. No momento da sua partida para o Brazil, Piso teve a satisfação de lhe serem feitos os melhores votos, pela sua prosperidade e pelo bom exito da sua obra, n'um adeus poetico do nosso grande poeta Vondel. Estes votos foram attendidos. Voltou passados seis ou sete annos de ausencia, em 1644, são e salvo, com o seu protector o conde João Mauricio, e regosijou-se cordialmente pelas honras que foram dispensadas a este ultimo dando-se-lhe o sobrenome de americano, preparando-se-lhe ovações publicas em Haya, Leyde, etc. Certamente não presumia elle, que viria um tempo em que o exito da expe-

dição politica e militar de João Mauricio no Brazil seria aniquilado, emquanto que o seu proprio exito não perderia em nada o seu fulgor, e todavia assim succedeu.

A joven republica hollandeza viu-se constrangida, em 1661, a restituir o Brazil a Portugal, mas a gloria da expedição scientifica ao Brazil não se empanou até hoje. Mas o nome de João Mauricio fica irrevogavelmente ligado a esta gloria. Pois foi em virtude da sua generosidade que Piso poudé publicar a sua obra *Brasilia medica et naturalis*, na qual registou todas as suas observações medicas, e todas as suas explorações nos dominios da historia natural, que tinha emprehendido só, ou em commum com o infatigavel Marckgraf, cuja lembrança ficará cara á posteridade reconhecida, não só por causa da importancia dos seus trabalhos, mas principalmente pela sua dedicação desinteressada, que o fez perecer na costa da Africa oriental, onde tinha ido completar as suas explorações scientificas.

Tendo-se repatriado, Piso fica ainda ligado durante alguns annos ao serviço do seu protector.

Depois estabelece-se em Amsterdam, casa-se e torna-se bem depressa um dos medicos mais distinctos e mais procurados. Chamado umas vezes para consultas em casos difficeis, outras vezes para exercer funções honorificas, como a de inspector do collegio medico e deão d'este collegio, é amado pelos collegas, procurado pelos letrados, honrado pelos concidadãos. Mas ou porque a sua saúde soffresse, ou porque fosse d'aquelles que esgotam todas as suas faculdades intellectuaes n'uma só obra, á qual se entregam inteiramente, fica perdido para a sciencia desde a segunda edição do seu trabalho sobre a historia medica e natural das indias occidentaes. Posto que ainda vivesse mais vinte annos, ainda que estivesse então no meiado da idade viril, não escreveu mais nada, e poz-se de tal modo á sombra, que só n'estes ultimos tempos conseguí saber a data da sua morte.

Seria abusar da vossa paciencia, desconhecer o fim desta reunião, se quizesse dar-vos mais promenores ainda sobre esta

vida burguesa e simples do medico de Amsterdam, vida que corre tão pacificamente, como a agua tranquilla dos nossos canaes.

E' só a sua obra que nos interessa, obra magistral, que é ainda hoje consultada com fructo, e constitue ainda nos nossos dias uma das glorias medicas da Hollanda. Nesta obra medica colonial Piso mostrou-se perfeitamente á altura da sua tarefa.

E' a elle, umas vezes só, outras em collaboração com Mackgraf, que devemos uma descripção circumstanciada do clima do Brazil, uma descripção exacta das doenças endemicas que lá reinam, e dos meios de as tratar, uma enumeração illustrada com numerosos desenhos das plantas e dos animaes, que lá se encontram em tão grande numero, e que podem servir de alimento ou de medicamento. E' Piso que primeiro reúne todos os dados necessarios para conhecer os perigos, de que o homem está ameaçado nas Indias occidentaes do lado dos reinos animal e vegetal, é elle que nos faz conhecer as serpentes, os peixes e os insectos venenosos, os animaes malfazejos, as plantas toxicas e os contravenenos de que os indigenas se servem. A pathologia e a hygiene dos tropicos não o interessam menos do que a toxicologia e materia medica, do que a botanica e a zoologia, do que tudo o que se liga á medicina colonial. Faz autopsias como Bontius, dissecta animaes raros cujos esqueletos envia ora ao museu de Leyde, ora ao theatro anatomico de Amsterdam, parece até ter-se servido n'algumas das suas investigações de um microscopio simples ou composto, a que elle chama *megascopo*. Interessa-se pela geographia, pela astronomia e pela entomologia, e como homem consciencioso, não hesita em confessar os seus erros e retocar inteiramente a sua obra publicando-a pela segunda vez.

Não ide crer, todavia, que elle não teve detractores e invejosos, que lhe censuraram a sua admiração exagerada pela velha medicina grega, a sua superstição e falta de critica.

Que lhe serve ser louvado por Pleuvier, que, em sua honra,

chama Pisonia a uma das plantas brasileiras se o reformador da botanica, o grande Linneu, o julga de diverso modo? Até nos nossos dias, um dos nossos medicos mais distinctos e mais laboriosos das Indias orientaes, o Dr. Swaving zomba das suas vistas acanhadas e das suas superstições. Pois bem! meus senhores, creio que sem conferir a Piso um excesso de honras, pode-se dizer que não mereceu censuras tão asperas. Convém saber que esta accusação se refere principalmente a um tratado sobre o emprego medico da *Nux Maldivensis* (noz de coco), que se acha nas obras de Piso, collecção de curas milagrosas e fabulosas por meio d'esta noz, collecção de observações sem critica e sem systema, mostrando em cada pagina velleidades de panegyristas, collecção n'uma palavra que lembra demasiadamente uma d'essas publicações de chamariz da actualidade, de que conviria desembaraçar quanto antes a litteratura medica. Pois bem! este tratado não é obra de Piso. O leitor attento nunca deveria ter-se illudido. Piso o adverte de que vae reproduzir o trabalho esgotado do medico de Amsterdam Augier Cluyt—nós, que conhecemos a sua biographia, sabemos que este era tio de sua esposa—e reproduzindo-o, não hesita em declarar, que até então não foi possivel verificar a maior parte das propriedades therapeuticas desta noz tão gabada, que se tinha querido preconisar como panacea. Além de que, até sem aviso algum, basta ler o tratado com attenção para não haver engano. O estylo é inteiramente diverso do de Piso, e as historias medicas, em que abunda, referem-se todas a uma data em que Piso apenas começava os seus estudos. Só conheço a Piso um erro, e é de ter sido filho do seu seculo, n'este sentido que não logrou desembaraçar-se d'essas pesadas cadeias do dogmatismo e da escolastica, nas quaes a sciencia medica do seu tempo estava presa. Mas não posso adoplir esta accusação que lhe fizeram mais de uma vez, que era exageradamente filho do seu seculo, porque mostrava sempre uma inclinação exagerada para os medicamentos novos e estrangeiros; inclinação aliás a que não ficam estranhos os melhores medicos de todos

os seculos, e que nos faz sentir mais do que outra qualquer coisa as insufficiencias e fraquezas da nossa arte. A este respeito, é forçoso reconhecer que não só se avantajá aos seus contemporaneos, mas que prega com o exemplo para todos os seculos. Observador attento e escrupuloso, previne-se constantemente contra as superstições dos indigenas, contra as convicções das velhas, contra todas essas communicações que não teem nada que fazer com a sciencia, mas principalmente contra essas observações superficiaes e enganadoras, pelas quaes se julga poder conhecer os corpos sublunares e as suas propriedades pela vista, o gosto ou o olfato. Como todos os grandes mestres das sciencias exactas, está compenetrado d'esta verdade, que a natureza das coisas não se mostra no vestibulo, accessivel a toda a gente, e distribuindo os seus thesouros a todos os que passam, mas mantem-se escondida nos cantos mais obscuros e mais difficeis de encontrar, e só pode ser vista de frente á força de um trabalho assiduo, de um amor casto e de uma dedicação sem limites e com o auxilio do Ente-Supremo.

Homem piedoso, medico erudito, conhecendo profundamente as linguas classicas bem como o francez, o portuguez e o hespanhol, possuido completamente dos preceitos da velha escola hippocratica, leva a medicina a fazer um grande passo a frente, alargando o quadro da pathologia medica, dotando o thesouro therapeutico com medicamentos efficazes, enriquecendo as sciencias naturaes. E' elle que primeiro descreve, muito tempo antes de Helveticus, as propriedades emeticas e catharticas da ipecacuanha e o seu emprego na dysenteria, as propriedades therapeuticas da copahiba, do sassafráz, e para mostrar a verdade d'esse bello verso latino:

Multa renascentur quae jam cecidere, cadentque

Quae nunc sunt in honore,

ajunto, que é elle que primeiro descreve de modo correcto e sufficiente as propriedades sialogogas e diaphoreticas do jaborandi, e faz presentir as propriedades digestivas da papaya. E'

elle que sabe verificar primeiro que o *bicho dos pés* é o effeito do *pulex penetrans*, e que descreve primeiro o unico modo efficaz, que é ainda hoje empregado, para desembaraçar os doentes d'este insecto malfazejo, é elle que primeiro indica que o veneno das serpentes reside nos dentes, é elle que primeiro dá uma descripção exacta dos effeitos venenosos do *bufo viridis*, no qual a sciencia moderna acaba de descobrir um alkaloide, assemelhando-se sob todos os pontos de vista á digitalina, a phrynina.

Mas ainda mais do que por estes promenores, é por toda a obra, pela sua disposição, pela riqueza das materias que n'ella são tratadas, que o seu auctor tem direito ao reconhecimento de todos os medicos, e que deve ser nomeado, ao lado de Jacob Bontius, como o fundador da medicina colonial.

Senhores! A vossa presença aqui, em tão grande numero, a vossa adhesão á nossa obra mostra aos olhos de todos que a commissão organisadora não se enganava, julgando a Hollanda o solo mais apropriado para um congresso internacional dos medicos das colonias, attendendo á circumstancia da nossa cara patria ter sido a mãe-patria da medicina colonial, e por isso com uma das condições exteriores mais favoraveis ao seu bom exito. Pois, não tendo bastante vaidade para considerar o vosso concurso numeroso como um tributo de confraternidade perfeita em recompensa dos nossos fracos esforços, não poderíamos deixar de o considerar como uma homenagem profundamente sentida ao passado glorioso da medicina colonial hollandeza, a esses trabalhos classicos de Bontius e de Piso conhecidos e consultados ainda hoje em todas as colonias e os paizes do ultramar. Bem sabemos nós outros, os medicos hollandezes, que realmente em assumptos de medicina colonial a Hollanda de hoje não é a Hollanda do XVII seculo. Não dissimulamos que serão precisos muitos esforços continuos e o concurso mais activo de todos—do Governo bem como dos particulares, mas do governo em primeiro logar—para reconquistar este logar nas primeiras filas, que nos pertence por di-

reito de antiguidade e por direito de nascença. Mas sabemos também, que um momento solemne, como o da abertura d'este congresso, servirá para nos obrigar a apertar as filas, para nos auxiliarmos mutuamente, e contribuirá mais do que um dilúvio de memórias officiaes, de accusações e recriminações, para mostrar a cada um o seu dever. Eis aqui, meus senhores, um novo titulo para o nosso reconhecimento, o mais bello a meus olhos, o de nos ter feito sentir o que fomos e o que somos, o de nos ter feito comprehender o que o futuro espera de nós, em vista do nosso passado glorioso, o de nos ter buscado um d'esses momentos preciosos de recolhimento interior e de exame proprio que se contam na vida dos individuos e dos povos!

E agora, vós todos, que vos interessaes pelo progresso da sciencia medica, vós todos, que, como eu, nunca ultrapassastes as fronteiras da nossa velha Europa, e contribuis na medida das vossas forças para realçar o relevo d'esta arte de curar, que nos é cara, reuni-vos a mim, e saudae pressurosa e deferentemente os nossos caros collegas, que exerceram ou exercem nas colonias.

Salve, nobres e valorosos soldados, que com o risco da vida e da saude ides plantar nos paizes mais remotos as bandeiras da sciencia medica e da humanidade! Não ignoraes que vos queremos como a irmãos, que vos honramos como modelos de dedicação e abnegação, que vos veneramos como nossos mestres.

Se nos congratulamos pelos progressos que a physiologia fez nos nossos dias servindo-se d'esses reactivos finos e subtis, que nos permittem suspender, como queremos, a vida a certos elementos physiologicos, ou modificar como nos apraz a sua função, não esqueçamos que é pelos vossos cuidados, que a sciencia da vida foi dotada com o curara, com a pilocarpina, etc.

Se nos gloriamos pela historia natural dos nossos dias ter sido regenerada pela iniciativa d'esse grande genio inglez,

cuja altura de vistas eguala a simplicidade, não esqueçamos, que esse grande bemfeitor da sciencia, Carlos Darwin, saiu quasi das vossas fileiras, que pelo menos foram as suas explorações scientificas ás colonias inglezas australianas, que o levaram a estabelecer as bases d'essa theoria magnifica, que a sciencia natural ha de sempre agradecer.

Se o nosso seculo se orgulha justamente, por ter podido pôr ao lado d'esse principio da transformação das especies e da descendencia natural, esse outro principio, não menos fecundo, não menos magnifico, da conservação das forças, não esqueçamos, que o grande genio allemão, ao qual todas as sciencias exactas nunca poderam ser bastante reconhecidas, foi um medico das colonias hollandezas orientaes, e que foi, fazendo o trajecto a Batavia, como medico das colonias, que o Dr. J. R. Maier primeiro apercebeu essa lei, cuja importancia excede a todas. Saudemos, pois, a vós, medicos das colonias! é de entre as vossas fileiras que saíram os maiores bemfeitores da sciencia e da humanidade que illustraram o nosso seculo! Possa o seu genio inspirar os vossos trabalhos, possa a obra, que empreheideis n'este congresso, ser digna da sua inspiração, e aproveitar á sciencia, á arte de curar, á humanidade! Esta obra vos espera. Sursum corda!

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

O ACIDO SALYCILICO COMO AGENTE DE CONSERVAÇÃO.—O Comité Consultivo de Hygiene publica em França, pronunciou-se, por duas vezes já, contra o emprego do acido salycilico, ainda em pequenas doses, como agente de conservação de artigos ou generos de alimentação. Como este parecer se acha em pleno antagonismo com a opinião professada pelos que tinham interesse em tal emprego, uma sub-commissão d'aquelle corpo colectivo foi incumbida de reconsiderar o assumpto, e o seu relator,

o professor Brouardel, publicou as conclusões do novo parecer em um numero recente dos *Annaes de Hygiene*.

Elle considera, que não obstante estar plenamente verificada a acção benefica do acido salycilico em certas molestias, a theoria do seu modo de obrar inda é muito imperfeitamente comprehendida. Sabe-se, todavia, que introduzido na economia elle elimina-se pelos rins e figado; e seus mais ardentes apologistas admittem que o uso d'elle é contra indicado nas molestias destes órgãos, que impedindo a devida eliminação, deem logar a uma accumulacão a qual tem dado exemplos fataes.—Nota-se, ainda mais, que em alguns individuos a eliminação é obstada ou impedida por causas desconhecidas, posto que aquelles órgãos funcçionem regularmente; e nas pessoas idosas a eliminação é sempre muito lenta.

Em taes circumstancias só uma parte do acido salycilico sendo eliminado e o que resta contrahindo combinações com os tecidos, com quanto taes combinações em alguns casos possam therapeuticamente ser uteis, e em outros não acarretem más consequencias, comprehende-se que indefinidamente prolongadas devem trazer serias desordens.

Investigações do professor Brouardel, durante os ultimos annos, o levaram a crer que tem crescido largamente o numero de pessoas a quem os salycilatos, até em pequena dose, tem sido de perigoso effeito, por eliminação imperfeita. Desde 1861 que elle analysa as urinas dos doentes entrados para o seu serviço hospitalar, e o seu registro mostra que a frequencia de casos de albuminuria tem duplicado nestes ultimos vinte annos. Destes doentes, uns foram condemnados a morte prematura, emquanto que outros curaram-se e muitos poderam viver ainda por muitos annos; isto combina-se com o facto de que se muitos são os exemplos de pessoas jovens e robustas que toleram o uso diario de quatro, seis grammas de salycilato durante mezes e annos, convem não esquecer que ha pessoas idosas e albuminuricas, ou individuos atacados de varias molestias renaes ou hepaticas cuja vida pode ser seriamente compro-

mettida por tal regimen. A commissão, pois, considerando que para taes individuos o uso diario do acido salycilico é altamente perigoso e que mesmo para os individuos sãos não está provado que elle seja completamente inoffensivo, recommenda que se mantenha a prohibição que faz do acido salycilico como agente de conservação de artigos ou generos alimenticios.

A HYSTERIA E A DIATHESE TUBERCULOSE. —O numero de Janeiro do *Brain* começa com um artigo importante do Professor Grasset acerca das relações entre a hysteria e a diathese tuberculosa. O auctór esforça-se por provar que a hysteria como a meningite tuberculosa é uma das manifestações da diathese tuberculosa. «Em uma familia phtysica, haveis de ver entre os filhos de paes tuberculosos, um morrendo de meningite tuberculosa, outro de consumpção pulmonar, enquanto que o terceiro parece ter escapado a diathese. Este ultimo será nevrotico, hypochondriaco, hysterico e até lunatico; uma vez que elle tenha escapado a diathese hereditaria na apparencia somente. Elle é tuberculoso como os mais, posto que não tenha tuberculos aqui ou alli.

A nevrose é a manifestação da affecção diathetica neste caso. E o que prova é que se o hysterico, o hypochondriaco, o lunatico d'aquella estirpe vem a ter filhos, a diathese se apresenta frequentemente com o seu typo classico. Pae e filho desta geração phtysica não interrompem a cadeia diathetica, apenas a phtysica pulmonar é substituida pela hysteria. Ainda mais, o hysterico pode provar a natureza de sua nevrose tornando-se phtysico na segunda metade da vida; e então podem dar-se frequentemente phenomenos da alternativa e equilibrio entre as duas manifestações da mesma diathese.» Esta importante these é sustentada pelo estudo de numerosos casos que são cuidadosamente analysados.

DIETA NA TUBERCULOSE. — De um trabalho recente conclue o Dr. Bidder de Berlim que em relação aos saes alcalinos dos alimentos e a importancia que elles possam ter na etiologia e

marcha da tuberculose, elle advoga uma dieta isenta tanto quanto possivel dos saes de potassio e rica em sal commum, por ser um sal de sodio.

Sustenta o autor que este ultimo sal torna os tecidos desfavoraveis ao desenvolvimento do bacillo do tuberculo, e que nos individuos jovens com processos tuberculosos nos ossos, articulações, glandulas, pulmões, etc., meio a um grammo de sal commum deve ser dado com os alimentos tres ou quatro vezes por dia, conforme a idade. Se se der no fim de algum tempo certa repugnancia para o sal, elle poderá ser substituido pelo benzoato de soda em dozes de 0,2 a 0,5 grammos. Esta ultima substancia (conhecida como util na diarrrhéa das creanças) é de gosto agradável, aromatico, e augmenta o appetite.

O Dr. Bidder crê, além disso, que a bem conhecida inconveniencia do uso do iodeto de potassio na escrofula e no tuberculo é devida ao potassio d'este corpo e não ao iode que elle contem. A dieta deve ter, em summa, um excesso de albumina, gordura, e os saes acima mencionados. Ainda em apoio de sua these o medico de Berlim affirma a existencia de connexões entre a tuberculose e o rachitismo, e sustenta que esta ultima enfermidade tem como uma das causas um excesso de saes de potassio na alimentação.

EXTIRPAÇÃO PELA VAGINA DE UM OVARIO ADHERENTE NA BOLSA DE DOUGLAS MOTIVANDO FORTE DYSMENORRHÊA; CURA. — Na discussão que sobre a oophorectomia teve logar no congresso internacional de 1881, o Dr. Savage, de Birmingham, disse: « Tem-se considerado ser condição *sine qua non* para os beneficios da oophorectomia que se extirpem os dous ovarios; porém alguns casos ha em que a doença se limita estritamente a um lado e em que julgo seria vantajosa a extirpação do ovario affectado. Em casos apropriados, como os de prolapso d'um só ovario, tenciono fazel-o e para esse fim escolherei aquelles em que os symptomas locaes sejam bem claramente definidos e limitados e em que não haja symptomas geraes

proeminentes. » O seguinte caso é d'esta natureza; a sua raridade e o resultado satisfactorio da operação justificam a sua publicação.

M. B., de 18 annos, creada, começou a ser menstruada aos 13. Nem uma unica vez, durante estes cinco annos, o seu periodo menstrual foi isento de dôres. Ultimamente augmentaram ellas fortemente. Durante o corrimento, que durava uma semana ou dez dias, estava completamente incapaz de trabalhar, emquanto que nos intervallos, que só raramente duravam mais de quinze dias, soffria constantemente de uma dôr dilacerante nas costas. Durante os cinco annos, sempre teve um corrimento leucorrhœico. Nos ultimos seis mezes, violentas dôres durante a defecação — tão violentas que a faziam desmaiar — e maior frequência na micção juntaram-se aos outros incommodos. A vida era-lhe um fardo e anciava por que lhe fizessem alguma cousa. Recebera anteriormente variado tratamento no hospital de Bristol. A doente era socegada, um pouco phleumatica e nada hysterica. Na historia nenhuma causa se reconhecia para os seus soffrimentos, a não ser uma queda de uma escada aos 12 annos. — Examinada, estando o utero puxado para baixo, o dedo indicador na vagina e o medio no recto, descobri o que julguei ser o ovario direito em prolapso e adherente na bolsa de Douglas. Mostrava-se extremamente sensivel ao ser apertado entre os dedos. Puxando-o para baixo, podiam-se tender os ligamentos ovarios e reconhecel-os distinctamente. O tumor, empurrado para cima, levava a vagina e o recto comsigo e voltava ao seu lugar quando abandonado. O ovario esquerdo estava sem duvida na sua posição normal e não era sensivel á pressão. Experimentou-se um tratamento palliativo por dous mezes. O utero em retroversão foi mantido na sua situação normal por um pessario: os intestinos foram regulados com aperitivos chalybiados; instituiram-se duches de agua quente e depleções locais — tudo sem resultado.

Em 22 de maio de 1883 determinei-me a tentar a extirpa-

ção do ovario pela vagina. O methodo vaginal foi escolhido, porque pensei que as adherencias eram tão fortes e a posição do ovario tão profunda que não era provavel que se completasse a operação pela secção abdominal. Com relação a este ponto diz o Dr. Savage: « Caso, que não seja apropriado a extirpação pelo abdomen, não dará resultado intentado pela vagina. » Por outro lado, deve-se notar que, nas mãos de tão destro operador como o Dr. Savage, 5 operações entre 10 feitas pela secção abdominal tiveram de ser abandonadas por impraticaveis. A principal difficuldade depois da extirpação derivaria provavelmente da hemorrhagia; porém eu pensei que a poderia sustentar pela compressão temporaria com uma comprida pinça chata, estando uma lamina no recto e a outra na superficie sangrenta. A vagina foi preparada com injeções diarias d'uma solução a 5 % de acido phenico e constantemente cheia de lâ iodoformica durante os cinco dias que precederam a operação. — Immediatamente antes da operação, os orgãos genitales externos, como o interior do utero, foram completamente purificados com uma solução phenica. O utero foi puchado para baixo e para diante com um vulsellum preso ao seu labio posterior e a membrana mucosa e o tecido areolar de traz do côlo dividido com thesouras. Uma pinça de Lister foi levada atravez do peritoneo e separadas as suas laminas. Pela abertura assim feita introduziu-se o indicador na cavidade addominal e descobriu-se o ovario na posição descripta. Com a unha desfizeram-se delicadamente as adherencias de cima para baixo. Destacado o ovario, o dedo médio foi tambem introduzido no abdomen, o ovario apanhado entre os dous e puxado para a vagina. Apanhado aqui, foi facilmente separado das suas inserções, primeiro abraçadas por duas ligaduras de catgut. Não se collocaram pontos na ferida. Encheu-se a vagina de lâ iodoformica.

A historia subsequente é singela. Mudou-se a lâ todos os dias durante uma semana, ao mesmo tempo que se fizeram

lavagens da vagina e da vulva com agua phenica. No septimo dia houve uma evacuação intestinal com a administração de um purgante,—foi a primeira vez, desde mezes, que a defecação se fez sem dôres. No decimo dia mostrou-se um leve corrimento de sangue, que só durou 24 horas. Um verdadeiro periodo menstrual de tres dias de duração appareceu dez semanas depois da operação e foi absolutamente indolente. O processo da cura nunca deu motivo á mais leve anciedade. A doente deixou a enfermaria promettendo voltar, caso houvesse qualquer recurrencia das antigas dôres. Voltou em agosto para dizer que lhe tinham augmentado as forças e continuava livre de incommodos. Desde então não tornou a apparecer e deve-se concluir que está agora bem.

O ovario tinha a superficie enrugada; era duro e pequeno. Cortado, mostrou-se guarnecido de aggregados de cellulas redondas e pequenas, que se manchavam fortemente com o campeche e podiam ser descriptas como abcessos miliars. O stroma do ovario estava por toda a parte infiltrado de numerosos nucleos. Encontraram-se alguns folliculos de Graaf atrophizados e em parte de alguns córtes viam-se fileiras de cellulas cylindricas nucleadas regularmente dispostas como n'um cylindroma e indicando a origem d'um tumor kistico.—GREIG SMITH.—
(*The Lancet.*)

(*Medicina Contemporanea.*)

VARIEDADES

O SEGREDO DO CADA FALSO

As tres execuções recentes recordaram-me a seguinte extraordinaria historia :

N'aquelle tarde, 5 de Junho de 1864, ás sete horas, o Dr. Edmundo Desiré-Conty de la Pommerais, recentemente transferido da Conciergerie para a Roquette, estava sentado,

envolto na camisola de força, na cellula dos condemnados á morte.

Taciturno, encostava-se ao espaldar da cadeira, com o olhar fito. Sobre a mesa uma candeia illuminava a pallidez da sua face gelada. A dois passos um guarda, de pé, encostado á parede, observava-o, de braços cruzados.

Quasi sempre os presos são obrigados a um labor quotidiano sobre cujo salario a administração tira em primeiro logar, em caso de morte, o custo da mortalha, que não fornece. Só os condemnados á morte não têm cousa nenhuma que fazer.

O preso era d'aquelles que não jogam as cartas; não se lia no seu olhar nem medo nem esperança.

Trinta e quatro annos, moreno, de estatura mediana, muito bem feita na verdade, as fontes, recentemente esbranquiçadas, fronte de pensador, a voz fraca e breve, mãos saturnianas; physionomia affectada das pessoas mediantemente discretas, maneiras de estudada distincção; tal parecia o preso.

(Recordemos que no tribunal do Sena, a defeza muito serrada d'esta vez, de M. Lachaud, não tinha destruido, na consciencia dos jurados, o triplice effeito produzido pelos debates, as conclusões do Dr. Tardieu e declarações de M. Oscar de la Vallée. M. de la Pommerais, accusado de haver ministrado, com um fim avaro e com premeditação, doses mortaes de digitalis a uma senhora das suas relações, madame de Pauw, ouvira pronunciar contra elle, em applicação dos artigos 301 e 302 do codigo penal, a sentença de morte).

N'aquella tarde, 5 de Junho, ignorava ainda a recusa da revista, assim como a recusa de qualquer audiencia de perdão, solicitada pelos seus parentes. Apenas o seu confessor, mais feliz, havia sido distrahidamente ouvido pelo imperador. O veneravel abbade Crozes que, antes das execuções, se cansava em supplicas nas Tulherias, voltára sem resposta. Comutar a pena de morte, em circumstancias taes, não seria implicitamente abolil-a?... O assumpto era de exemplo.— Segundo a opinião do tribunal a rejeição do recurso não era

duvidosa, e devendo ser intimada de um momento para outro, M. Hendreich acabava de ser chamado para tomar conta do condemnado no dia 9 pela manhã, ás cinco horas.

De repente um ruido de coronhas de espingardas resooou nas lages do corredor; a fechadura rangeu vagarosamente, a porta abriu-se; as bayonetas brilharam na penumbra; o director da Roquette, M. Beauquesne, appareceu no limiar acompanhado por um visitante.

M. de la Pommerais, tendo levantado a cabeça, reconheceu com um olhar, n'esse visitante, o illustre cirurgião Armando Velpeau.

A um signal de quem podia fazel-o, o guarda saiu. M. Beauquesne, depois de uma apresentação muda, retirára-se, e os dois collegas acharam-se, de repente, de pé em frente um do outro e com os olhares fitos um no outro.

La Pommerais, em silencio, indicou ao doutor a sua propria cadeira, depois foi sentar-se sobre essa enxerga em que os adormecidos, pela maior parte, são em breve despertados da vida por um sobresalto. Como ali se via mal, o grande clinico, approximou-se do... doente, para melhor o observar e poder conversar em voz baixa.

*
* * *

Velpeau n'aquelle anno entrava nos sessenta. No apogeu da sua fama, herdeiro da cadeira de Larrey no Instituto, primeiro professor de clinica cirurgica em Paris, e pelas suas obras, todas de um rigor de dedução tão claro e tão vivo, um dos luminares da sciencia pathologica actual, o emerito pratico impunha-se já como uma das summidades do seculo.

Depois de um frio momento de silencio:

—Senhor, disse elle, entre medicos devem poupar-se inuteis consolações. Além d'isso, uma affecção de prostata (de que com certesa devo parecer em dois annos ou dois annos e meio), me qualifica tambem na cathegoria dos condemnados á morte. Vamos, pois, ao facto sem preambulos.

—Então, segundo a sua opinião, doutor, a minha situação judiciaria é... desesperada? Interrompeu la Pommerais.

—Receiam-n'ò, respondeu simplesmente Velpeau.

—A minha hora está marcada?

—Ignoro-o; mas como não está nada decidido ainda a seu respeito, pôde, com certesa, contar com alguns dias.

La Pommerais passou pela sua fronte livida a manga da camisola de força.

—Seja. Obrigado. Estarei prompto; já o estava; — agora o mais cedo será o melhor!

—Não estando o seu recurso rejeitado, até agora pelo menos, tornou Velpeau, a proposta que vou fazer-lhe é condicional. Se a salvação lhe chegar, tanto melhor!... Senão...

O grande cirurgião interrompeu-se.

—Senão!... Perguntou la Pommerais.

Velpeau, sem responder, tirou da algibeira um pequeno estojo, abriu-o, tirou a lanceta e, fendendo a camisola no punho esquerdo, apoiou o medium sobre o pulso do moço condemnado.

—Sr. de la Pommerais, disse elle, o seu pulso revela-me uma serenidade, uma firmeza raras. O passo que dou junto do senhor, (e que deve ficar entre nós) tem por fim uma especie de proposta que, ainda que dirigida a um medico da sua energia; a um espirito temperado nas convicções positivas da nossa sciencia e bem desprendido de todos os medos phantasticos da morte, poderia parecer de uma extravagancia ou irrisão criminosas. Mas nós sabemos, supponho eu, quem somos; tomal-a-ha, pois, em attenta consideração, por muito perturbadora que lhe pareça á primeira vista.

—A minha attenção pertence-lhe, senhor, respondeu la Pommerais.

—Está longe de ignorar, tornou Velpeau, que uma das mais interessantes questões da physiologia moderna é saber se algum lampejo de memoria, de reflexão, de sensibilidade *real* persiste no cerebro do homem depois do corte da cabeça?

—A este principio inesperado, o condemnado estremeceu; depois, serenando:

—Quando entrou, doutor, respondeu elle, estava precisamente muito preocupado com esse problema, duplamente interessante para mim, a final.

—Está ao corrente dos trabalhos escriptos sobre este assumpto, desde os Soemmering, de Sire, de Sedillot e de Richat, até aos dos modernos?

—E assisti até, em tempos, a um dos seus cursos de dissecação sobre os restos de um suppliciado.

—Ah!... Passemos adiante então. Tem noções exactas, sob o ponto de vista cirurgico, da guilhotina?

La Pommerais, tendo olhado bem para Velpeau, respondeu friamente:

—Não senhor.

—Eu estudei escrupulosamente, hoje mesmo, o apparelho, continuou, sem se commover, o Dr. Velpeau; é, attesto-o, um instrumento perfeito.

«O cutello, operando ao mesmo tempo como cunha, como fouce e como massa, intercepta, em um terço de segundo, o pescoço do paciente. O decapitado, sob o choque d'este ataque fulgurante, não pôde sentir a dôr que um soldado soffre no campo da batalha, quando lhe é levado um braço por uma bala. A sensação, por falta de tempo, é nulla e obscura».

—Ha talvez a dôr reflexa; restam as duas chagas!—Não foi Julia Fontenelle que, dando as suas razões, pergunta se essa velocidade não tem consequencias mais dolorosas do que a execução pelo sabre ou pelo machado?

—Bastou Berard para fazer justiça a esse sonho! Respondeu Velpeau.

Eu tenho a firme convicção, fundada em cem experiencias e nas minhas observações geraes, que a separação instantanea da cabeça produz, no mesmo momento, no individuo destroncado o mais absoluto desmaio anesthesico.

Só a syncope immediatamente produzida pela perda de quatro

ou cinco litros de sangue que fazem erupção fóra dos vasos (e muitas vezes com uma força de projecção circular de um metro de diametro) bastaria para socegar os mais timoratos a este respeito. Quanto aos estremecimentos inconscientes da machina carnal, repentinamente parada no seu trabalho, não constituem mais indício de soffrimento que... a agitação de uma perna cortada, por exemplo, cujos musculos e nervos se contraem, mas não fazem soffrer. Digo que a febre nervosa da incertesa, a solemnidade dos fataes preparativos e o sobresalto do matinal despertar, são o mais claro do supposto soffrimento. Não podendo a amputação ser senão *imperceptivel*, a dor *real* é apenas *imaginaria*. O que! Um golpe violento sobre a cabeça não só se não sente mas não deixa consciencia alguma do choque, — uma simples lesão das vertebbras traz a insensibilidade ataxica — da separação da cabeça, a scisão da espinha dorsal, a interrupção das relações organicas entre o coração e o cerebro, não bastariam para paralyzar, no mais intimo do ser humano, toda a sensação, mesmo vaga de dor? Impossivel! Inadmissivel! E sabe-o tão bem como eu.

—Espero, pelo menos, saber-o melhor que o senhor! Respondeu la Pommerais. Portanto, não é, na realidade, algum grande e rapido soffrimento *physico*, (apenas concebido no desarrasoado sensorial e bem depressa suffocado pela invocação ascendente da morte), não é isso, digo eu, o que receio. É... outra cousa.

—Quer ensaiar a formula? Disse Velpeau.

—Ouça, murmurou la Pommerais depois de uma pausa, em definitivo, os órgãos da memoria e da vontade (se estão circumscriptos nos mesmos lobulos em que nós os verificamos... não cão, por exemplo) estes órgãos, digo eu, *são respeitados pela passagem do cutello!*...

«Temos revelado demasiados equivocos precedentes, tão inquietadores quanto incompreensíveis, para que me deixe facilmente persuadir da inconsciencia immediata de um deca-

pitado. Segundo as lendas quantas cabeças interpelladas têm voltado o seu olhar para quem as chama?... Memoria dos nervos? Movimentos reflexos? Vãs palavras!

«Recorda-se d'essa cabeça de marinheiro que, na clinica do Brest, *uma hora e um quarto depois de decepada*, cortava em dois, com um movimento das maxillas — *talvez* voluntario — um lapis posto entre ellas?... Para não escolher senão este exemplo entre mil, a questão real seria, pois, saber aqui, se foi ou não, o *eu* d'esse homem que impressionou os musculos da sua cabeça *exangue*.

«Quem poderá revelal-o? Antes de oito dias tel-o hei, de certo, aprendido... e esquecido.

—Depende, talvez do senhor, que a humanidade fique certa a esse respeito, uma vez por todas, respondeu lentamente Velpeau, com os olhos fitos no seu interlocutor.—E fallemos franco, é para isso que estou aqui.

«Sou delegado junto do senhor por uma commissão dos nossos mais eminentes collegas da Faculdade de Paris, e eis a ordem do imperador. Tem poderes sufficientemente extensos para conceder um adiamento no caso de necessidade, até á ordem da sua execução.

—Explique-se... não comprehendo, respondeu lá Pommerais interdito.

—Sr. la Pommerais, em nome da sciencia que sempre nos é querida e que já não conta entre nós o numero d'esses martyres magnanimos, venho (na hypothese para mim mais que duvidosa, em que alguma experiencia, combinada entre nós, seja praticavel) reclamar de todo o seu ser a maior porção de energia e intrepidez que se pode esperar da especie humana. Se o seu perdão for rejeitado, está, *sendo medico*, um individuo competente para a suprema operação que deve soffrer. O seu concurso seria, portanto, inestimavel n'uma tentativa de... *comunicação*.—De certo, por muito boa vontade de que possa querer dar prova, tudo parece attestar de antemão o

resultado mais negativo,—mas, enfim, com o senhor, (sempre na hypothese em que essa experiencia não seja absurda em principio) — offerece uma probabilidade sobre dez mil de esclarecer miraculosamente, por assim dizer, a physiologia moderna. A occasião deve ser, desde então, aproveitada, e, no caso de um signal de intelligencia victoriosamente trocado DEPOIS da execução, deixaria um nome cuja gloria scientifica apagaria para sempre a lembrança da sua falta social.

—Ah! Murmurou la Pommerais que se tornava livido, mas com um sorriso de resolução, ah!... começo a comprehender! —De facto os supplicios já revelaram o phenomeno da digestão, diz mr. Michelot. E... de que natureza seria a sua experiencia?... Choques galvanicos?... Incitações do ciliar?... Injecções de sangue arterial?... Pouco concludente tudo isso!

—É escusado dizer que, logo depois da triste cerimonia, os seus restos irão repousar em paz na terra e nenhum dos nossos escalpellos lhe tocará, tornou Velpeau. — Não!... ao cair do cutello estarei junto d'elle, de pé, na sua frente, chegado á machina. Tão rapido quanto possivel, a sua cabeça passará das mãos do executor para as minhas. E então—a experiencia não pode ser seria e concludente senão pela sua propria simplicidade — gritar-lhe-hei muito distinctamente ao ouvido: — Sr. Couty de La Pommerais, em vista das nossas convenções durante a vida, póde, *n'este momento*, baixar *tres vezes seguidas*, a palpebra do seu olho direito conservando o outro bem aberto?... » Se, *n'esse momento*, sejam quaes forem as contracções do facies, poder por este triplice piscar de olho, advertir-me que me ouviu e entendeu, e m'o provar impressionando tambem por um acto de memoria e de vontade permanentes, o seu musculo palpebral, o seu nervo zygomatico e a sua conjunctiva, dominando todo o horror, todo o conjuncto das outras impressões do seu ser,—este facto bastará para illuminar a sciencia, revolucionar as nossas convicções. E saberei, não o duvide, notifical-o de modo que, no futuro,

deixe menos a memoria de um criminoso do que a de um heroe.

A estas insolitas palavras o Sr. de la Pommerais pareceu impressionado de uma apprehensão tão profunda que, com as pupillas dilatadas e fixas sobre o cirurgião, ficou durante um minuto, silencioso e como petrificado.

Depois, sem dizer uma palavra, levantou-se, deu alguns passos muito pensativo, e, em seguida, meneando tristemente a cabeça, disse:

—A horrivel violencia do golpe lançar-me-ha fóra de mim mesmo. Realisar isso parece-me acima de todo o querer, de todo o esforço humano. Além d'isto, dizem que as *probabilidades* de viabilidade não são as mesmas para todos os guilhotinados. Entretanto... volte, senhor, na manhã da execução. Responder-lhe-hei se me presto ou não a esta tentativa, ao mesmo tempo espantosa, revoltante e illusoria.—Se disser não, conto com a sua discrição, não é verdade, para deixar a minha cabeça sangrar tranquillamente as suas ultimas vitalidades na bacia de estanho que a receber.

—Até breve, Sr. de la Pommerais! Disse Velpeau, levantando-se tambem. Reflecta.

Ambos se cumprimentaram.

Um instante depois, o Dr. Velpeau sahia da cellula; o guarda entrava e o condemnado estendia-se, resignado, sobre o seu leito para dormir ou pensar.

* * *

Quatro dias depois, pelas cinco horas e meia da manhã, o Sr. Beauquesne, o Abbade de Crozes, o Sr. Claude e o Sr. Potier, escrivão da Côte Imperial, entraram na cellula.

Dispertado, o Sr. de la Pommerais, á noticia da hora penal, ergueu-se muito pallido e vestiu-se depressa... Depois conversou dez minutos com o Abbade Crozes, cujas visitas tinha já recebido bem: sabe-se que o santo sacerdote era dotado de uma

unção inspirada que dá animo para a ultima hora, em seguida, vendo chegar o Dr. Velpeau, disse:

—Trabalhei. Vê!

E, durante a leitura da sentença, conservou fechada a palpebra direita; olhando para o cirurgião fixamente com o olho esquerdo bem aberto.

Velpeau inclinou-se profundamente, depois, voltando-se para o Sr. Hendreich, que entrava com os seus ajudantes, trocou muito depressa com o executor um signal de intelligencia.

O vestuario foi rapido: notaram que o *phenomeno dos cabellos embranquecidos á vista de olhos sob a tesoura*, não se produziu.

Uma carta de despedida a sua mulher, lida em voz baixa pelo capellão, molhou os seus olhos de lagrimas, que o sacerdote enxugou piedosamente com o pedaço da camisa. Uma vez de pé e com o casaco sobre os hombros, tiveram que desapertar-lhe os pulsos.

Depois recusou o copo de aguardente e a escolta poz-se em marcha no corredor. Ao chegar ao portão encontrou no limiar o seu collega.

Até já! disse elle muito baixo, e adeus.

De repente os vastos batentes de ferro entreabriram-se e giraram diante d'elle.

O vento da manhã entrou na prisão; começava a amanhecer, a grande praça estendia-se ao longe, cercada por um duplo cordão de cavallaria; em frente, a dez passos, n'um semicirculo de gendarmes a cavallo, cujos sabres, desembainhados á sua apparição, resoaram, surgia o cadafalso. A alguma distancia, entre os grupos enviados da imprensa, descobriram-se. Lá em baixo, por detraz das arvores, ouviam-se os rumores da multidão, enervada pela noite. Sobre os tectos das tabernas, nas janellas, algumas raparigas, lívidas, de vestidos brilhantes, algumas tendo ainda na mão uma garrafa de Champagne, inclinavam-se contemplando todos aquelles casacas pretas.

Ao ar matinal, sobre a peça, as andorinhas voavam por aqui e por ali.

Só enchendo o espaço e limitando o céu, a guilhotina parecia prolongar sobre o horisonte os seus dois braços levantados, entre os quaes bem longe, lá em cima, no esbranquiçado da aurora, se via scintillar a ultima estrella.

A este funebre aspecto o condemnado estremeceu, depois caminhou resolutamente para o cadafalso... Subiu os degraus então. Agora o cutello triangular brilhava sobre os negros caixilhos, velando as estrellas. Diante do tablado fatal, depois do crucifixo, beijou uma madeixa dos seus proprios cabellos, apanhada, enquanto se vestia, pelo Abbade Crozes, que lhe tocou com os labios: — « Para *ella!* ... » disse elle.

Os cinco personagens destacavam-se sobre o cadafalso: o silencio n'este instante, era tão profundo que o ruido de um ramo quebrado ao longe, sob o peso de um curioso, chegou, com o grito e alguns vagos e horriveis risos, até ao tragico grupo.

Então, como soava a hora de que não devia ouvir a ultima badalada, o Sr. de la Pommerais viu na sua frente, do outro lado, o seu singular experimentador que, com uma das mãos sobre a plataforma o fitava!

Meditou um segundo e fechou os olhos.

Bruscamente a alavanca moveu-se, a argola de ferro baixou, o botão cedeu, o clarão do cutello passou. Um choque terrivel abalou a plataforma; os cavallos moveram-se ao cheiro electrico do sangue e o echo do ruido vibrava ainda quando já a cabeça ensanguentada da victima palpitava entre as mãos impassiveis do cirurgião da Piedade, avermelhando-lhe em ondas os dedos, as mangas e o fato.

Era uma face sombria, horriavelmente branca, de olhos reabertos e como que distrahidos, de sombrancelhas contrahidas, de labios crispados: os dentes entrechocavam-se; o queixo na extremidade do maxillar inferior, havia sido interessado.

Velpeau inclinou-se depressa para aquella cabeça e articulou,

ao ouvido direito, a pergunta combinada.—Por muito firme que fosse aquelle homem o resultado fel-o estremecer com uma especie de terror frio: «a palpebra do olho direito baixava-se, o olho esquerdo aberto, fitava-o».

—Em nome do proprio Deos e do nosso ser, ainda duas vezes esse signal .. gritou elle um pouco transtornado.

As palpebras separaram-se, como sob um esforço interno, mas a palpebra não se levantou. O rosto, de segundo para segundo, tornava-se rigido, gelado, immovel.

Estava acabado.

O Dr. Velpeau restituiu a cabeça morta ao Sr. Hendreich, que abrindo o cesto a collocou, segundo o uso, entre as pernas do tronco já inteiriçado.

O grande cirurgião lavou as mãos n'um dos baldes destinados á lavagem já começada da machina. Ao redor d'elle a multidão passava, pensativa, sem o reconhecer. Enxugou-se sempre em silencio.

Depois, a passos lentos, com a fronte pensativa e grave, foi para a sua carruagem que ficára á esquina da prisão.

Quando subia para ella viu o carro da justiça, que se afastava a trote largo para Montmartre.—*Conte de Villiers de l'Isle Adam.*

MISTURAS EXPLOSIVAS

A associação de certos medicamentos pode ser perigosa tanto para os manipuladores como para os doentes, por darem logar a explosão. As principaes mixturas que podem dar este resultado são as seguintes:

1.º Hypo-sulphito de cal com o chlorato de potassa, e o sulphito de ferro em partes eguaes.

2.º A solução de uma parte de acido chromico e duas de glycerina.

3.º Chlorato de potassa com pós dentifricios contendo carvão.

4.º Massa pilular contendo permanganato de potassa misturada com extractos vegetaes e ferro.

5.º Chlorato e permanganato de potassa e outras substancias explosivas trituradas com glycerina.

6.º Chlorato de potassa triturado com tannino ou assucar.

7.º Iodo, e ás vezes os iodetos misturados com um nitrato.

FRAUDES NAS ESTATISTICAS

Condemnando este abuso faz o *New-York Medical Record* seria accusação as instituições de Caridade de New-York. Exaggera-se, diz o periodico americano, o numero as entradas com o fim de fazer crer que o movimento e o trabalho do hospital cresceu consideravelmente.

Por exemplo um relatorio refere que tratou durante o anno 10,000 doentes. O facto é que o numero real reduz-se a um quarto ou a metade menos. É muito commum nos registros indicar o doente por um talão dando-lhe um bilhete mensal. Quando finda-se o mez e o doente ainda se acha em tratamento, dão-lhe novo bilhete ou guia, fica um outro talão e o enfermo é de novo contado. O numero dos casos tratados é ainda augmentado por outros meios. O movel desta pratica é duplo: o conceito publico é rendosamente explorado por estas geitosas manipulações estatisticas; porque dizer que 20,000 doentes foram soccorridos é mais emphatico do que fallar somente em 10,000; alem disso, como os estabelecimentos de Caridade recebem auxilios pecuniarios das cidades em proporção do trabalho feito: quanto mais doentes mais dinheiro.

NOTICIARIO

BERIBERI NO HOSPITAL DE CARIDADE.—A frequencia dos casos de beriberi no hospital da Caridade, não só em individuos que alli se recolhem já affectados da molestia, mas principalmente

nos entrados por outras affecções, motivou da parte dos respectivos clinicos uma representação á Santa Casa da Misericórdia pedindo a remoção de taes doentes para logar que offereça melhores condições hygienicas.

HOSPITAES DE PARIS — A *Gazeta dos Hospitaes* diz que o Conselho Municipal de Paris calcula as despesas dos hospitaes e hospícios d'aquella cidade, no anno de 1884, em 20,223,000 francos; mais 616,500 do que no anno de 1883. Para explicar o excesso o periodico citado exhibe uma tabella de preços de varios generos de dieta, e de diversas substancias medicamentosas, que tem augmentado de custo. De uma comparação minuciosa dos annos de 1865 a 1882 infere-se que a população desses estabelecimentos tem crescido cerca de 25 %, e as despesas com medicamentos 55 % e com as dietas 41 %.

PREPARAÇÃO CARA — A preparação pharmaceutica presentemente mais cara é a ergotina obtida pelos chimicos Gehe, C. de Dresda. Custa 200 marcos o grammo, ou mais de mil reis o centigrammo.

DOCTORADOS EM FRANÇA NO ANNO DE 1883 — No anno academico de 1882 a 1883, foram conferidos seiscentos e setenta e dous titulos de doutor nas Faculdades da França: Paris concorreu com tres quartos do numero total, Montpellier conferiu 69, Bordeaux 46, Lyon 43, Nancy 21 e Lille 20.

DIPLOMAS NA ALLEMANHA — Durante o anno de 1882 a 1883 o numero de diplomas medicos conferidos no Imperio Allemão subio a 692, tendo sido no anno anterior 669. No mesmo periodo 95 veterinarios praticos habilitaram-se, menos 26 do que no anno anterior; 22 diplomas de dentista foram conferidos, tendo sido 25 o numero do anno precedente. De pharmaceuticos foi 315 o numero, o que importa uma sensivel diminuição a datar de 1878, anno em que foram diplomados 371.

PROFESSOR REICHERT — Este celebre professor que por tantos annos regeu a cadeira de Anatomia na Universidade de Berlim, e que não ha muito foi substituido pelo professor Waldeyer,

falleceu, depois de curta enfermidade, no dia 21 de Dezembro proximo findo.

CONGRESSO DE MEDICINA — O terceiro *Congresso de Medicina interna* terá logar este anno em Berlim nos dias 21 a 26 de Abril sob a presidencia do Professor Frerichs. São os seguintes os assumptos indicados para a discussão:

A verdadeira pneumonia: sua etiologia, pathologia, caracteres clinicos e tratamento; Poliomyelite e Nevrite, e Dyspepsia nervosa. Alem das discussões, diversos trabalhos estão promettidos, entre os quaes contam-se os seguintes: Hygiene escolar na Inglaterra, especialmente com referencia as molestias infecciosas pelo Dr. Hermann Weber; Dos reflexos, pelo Dr. Rosenthal (de Erlangen); Da localisação das funcções do cerebro, pelo Dr. Goltz.

— O DR. MAMORÉ.—Lemos com muito pezar nos jornaes do norte, que fallecêra em Santarem (Pará) o nosso distincto collega Dr. João Baptista Bueno Mamoré, natural d'aquella provincia.

Jovem ainda, e em todo o vigor do seu talento, o Dr. Mamoré era conhecido na profissão pela sua cultivada intelligencia, e pelos seus interessantes escriptos, entre os quaes avulta a sua these inaugural sobre o *Beriberi*. Frequentou por alguns annos a nossa Faculdade, e completou os seus estudos na do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau em 1873.

Em 1876 a 1877 visitou a Europa, de onde nos enviou diversos artigos que publicamos no 2º volume da segunda serie da *Gazeta*.

Antes d'estes já tinhamos inserido outros de não menor valor sobre *chyluria*, *vaccinação e revaccinação* e *elephantiasis*.

Lamentamos sinceramente a perda prematura d'este illustrado collega, com quem entretivemos por alguns annos as melhores relações profissionaes e scientificas.

HOMENAGEM A CREVAUX — O congresso nacional da Bolivia,

querendo prestar uma homenagem solenne á memoria d'este celebre explorador, decretou o seguinte :

1.º No ponto chamado Teyo, logar onde foram massacrados o illustre francez, Dr. Jules Crevaux e todos os seus companheiros, exploradores do rio Pilcomayo, se levantou uma columna de doze metros de altura, tendo em cima uma estatua voltada para o oriente, e em cada uma das suas faces gravados os nomes dos que morreram aos golpes dos tobas ;

2.º No mesmo logar se fundasse uma colonia, que terá o nome de « Colonia Crevaux ».

SOCIEDADE FRANCEZA DOS OPHTALMOLOGISTAS — Esta sociedade celebrou a sua reunião magna annual nos ultimos quatro dias de Janeiro. O tratamento da conjunctivite granulosa pelo Jequirity deu logar a um interessantissimo debate no primeiro dia. Entre outros assumptos discutidos, figurou o tratamento dos descollamentos da retina, o tratamento da ophtalmia dos recém-nascidos, o diagnostico da hemeralopia, as manifestações oculares da escrofulose e da syphilis hereditaria, e a connexão entre affecções oculares e desordens da menstruação.

No dia da abertura foi recebida com muita satisfação a noticia de que Donders e Arlt tinham sido proclamados socios.

CONGRESSO MEDICO INTERNACIONAL EM COPENHAGUE — O programma para a secção de molestias de creanças nesse Congresso, que deve reunir-se em Agosto proximo, é muito variado e cheio de interesse. O presidente da secção é o Professor Hirschsprung e o secretario o Dr. Wichman.

Foram escolhidas as questões seguintes: 1.º Do uso dos hospitaes a beira-mar para as creanças; 2.º Do crescimento normal do peso nos ultimos annos da infancia; 3.º Do tratamento prophylatico da ophtalmia dos recém-nascidos; 4.º Da escolha dos anti-septicos para o tratamento das feridas nas creanças; 5.º Do valor das habitações extra-urbanas para a propagação de uma boa hygiene entre as creanças e familias

pobres; 6.º Nephrite em creanças, especialmente na infancia; 7.º Meningite tuberculosa nos primeiros annos da vida; 8.º Tem a experiencia dos ultimos annos podido fixar o logar do rachitismo agudo nos quadros pathologicos? 9.º Invaginação intestinal nas creanças, sua frequencia comparada nos diversos paizes; 10. Do tratamento do rheumatismo agudo nas creanças pelo acido salycilico; 11. Até onde pode o croup ser considerado sob o ponto de vista clinico, como uma entidade morbida bem limitada.

UM PRINCIPE MEDICO — Teve logar em Janeiro, no castello de Nymphenburg, a apresentação ao principe Luiz Fernando, de Baviera, do diploma de doutor em medicina, *honoris causa*, pela Universidade—Bavara.

O trabalho que motivou a concessão do titulo, por unanimidade d'aquelle corpo docente, foi uma monographia acerca da anatomia da lingua. A deputação incumbida de apresentar o diploma compunha-se dos professores Pettenkofer, Rudinger e Kupffer. O principe respondendo a deputação, declarou que sentia-se cheio de orgulho por ver-se alvo de uma distincção que lhe conferia uma Faculdade que contava entres seus membros alguns dos primeiros sabios da Europa.

CONTAGIO DA PHTYSICA — Comquanto a theoria da communicabilidade da phtysica empenhe a attenção de numerosos investigadores, em diversos paizes, sem que se tenha, por ora, conseguido resolver definitivamente a questão; já na Allemanha applicações praticas procuram-se tirar destes estudos. O ministro do interior, com o fim de prevenir o desenvolvimento da phtysica nas prisões, não esperou pela solução final do problema e determinou judiciosamente que se desse aos presos o beneficio da duvida, ordenando o isolamento dos phtysicos, a desinfecção cuidadosa das roupas e das excreções, e todas as precauções sanitarias usuaes, similhantes as que se empregam nas molestias reconhecidamente infecciosas desenvolvidas nas prisões e instituições analogas da Allemanha.